

## O CONTO DE FADAS E SUA INTERFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

MARILEIDE ALVES ROCHA\*

### RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre os contos de fadas orais e artísticos, com base no conto “A sombra”, de Hans Christian Andersen. Nele, procurou-se analisar de forma breve o romantismo alemão, destacando-se as cidades de Jena e Heidelberg, onde se iniciou essa estética, uma vez que ela foi a responsável pela divulgação dos contos de fadas. Com base na teoria dos contos de fadas, analisou-se a sombra como um ser duplo, obscuro que se dissocia da personalidade real, buscando a unidade do ser, mas que sobrepuja e destrói o ser real, e a interferência desses contos na formação do leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** conto de fadas, mito, duplo, sombra, leitor.

---

### The fairy tales and their interference in the formation of the reader

### ABSTRACT

This paper is a reflection about the artistical and oral fairy tales, based on the tale “the shadow”, by Hans Christian Andersen. It analyses briefly the German Romanticism, focusing one the cities of Jena and Heideberg, where this esthetics began. Romanticism is responsible for spreading the fairy tales theory, it analyses the shadow like a double being, obscure, dissociated from a real personality, searching for the unity of being, but is goes further and it destroys the real being and its interference in the formation of the reader.

**KEY WORDS:** Fairy tale, mith, double, shadow, reader.

---

## O CONTO DE FADAS: ENTRE O SABER E O VIVER

A intenção de analisar o conto “A sombra”, de Hans Christian Andersen (2002), surgiu como resultado de leituras e reflexões sobre o mito do duplo, desenvolvidas a partir das discussões suscitadas durante as aulas de Literatura Comparada, realizadas na Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG). A obra chamou a atenção por ser um conto de

---

\* Aluna do Mestrado em Teoria Literária – Recepção e Práticas de Leitura pela UnB e professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Senador Canedo. E-mail: marileidealvesrocha@yahoo.com.br

fadas moderno, ou seja, um conto de fadas artístico, sem tradição oral, mas que possui algumas características de um conto de cunho tradicional. As estruturas internas desses contos se assemelham e provocam as mesmas sensações no leitor em formação, ou mesmo em adultos. O conto de fadas, seja ele tradicional ou não, permite que o leitor em formação, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, tanto da 1ª como da 2ª fase, estabeleça um vínculo entre o real e o imaginário. Tal fato ocorre devido à relação entre as diversas situações, os embates e os impasses vivenciados pelas personagens e, os momentos que correspondem aos ritos de passagem da criança. Dessa forma, através dos conflitos que são enfrentados pelas personagens no decorrer da narrativa, a criança é capaz de se identificar com a situação descrita e, a partir daí, encontrar uma solução para resolver suas próprias dificuldades.

Nossa pesquisa foi desenvolvida tanto por meio de estudo bibliográfico como por entrevistas com duas professoras – uma do município de Goiânia, outra do município de Senador Canedo – que fazem parte da rede pública de ensino. Estabelecemos os seguintes questionamentos para reflexão: O que faz com que uma criança ou um adulto que se vê rodeado pela tecnologia, se interesse pelo mundo do faz-de-conta? Quais as contribuições que um conto de fadas pode trazer para crianças e adultos? Como os educadores concebem o uso das histórias de fadas? Existe uma reflexão em torno dessa questão? Como essa prática se reflete na difícil tarefa de educar? Para o desenvolvimento do trabalho, buscamos textos que pudessem explicar a estrutura dos contos de fadas e que, além disso, fornecessem respostas para o porquê do encantamento e envolvimento de crianças e de adultos com este tipo de narrativa.

#### UM OLHAR ESPECIAL SOBRE “A SOMBRA”, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Inicialmente apresentamos Hans Christian Andersen, o autor de “A Sombra”. Ele nasceu na Dinamarca, em Odense, e publicou várias obras conhecidas em diversos países, inclusive no Brasil, devido ao grande número de traduções realizadas. Alguns contos pertencentes à obra de Andersen são retirados da tradição oral, o que contribui para o resgate da cultura popular de seu país. O autor tinha sensibilidade para absorver o que acontecia na sociedade da época, por isso suas narrativas mostram claramente os problemas religiosos específicos de seu país. Suas histórias também refletem problemas pessoais, numa atmosfera trágica constante.

“A sombra”, de Hans Christian Andersen, serviu como objeto de análise para este estudo, uma vez que é um conto de fadas moderno, o que possibilita uma margem maior de reflexões sobre o homem contemporâneo. Além de abordar problemas existenciais ligados ao envolvimento emocional do indivíduo, o texto de Andersen permite uma possível comparação de comportamento entre o leitor contemporâneo em formação e a personagem principal do conto. Assim, tentaremos uma aproximação entre ambos, identificando suas escolhas para estabelecer o equilíbrio necessário ao enfrentamento do mundo real.

O texto “A sombra” pertence ao romantismo alemão, que foi um movimento bastante complexo, pois nele coexistiam tendências diversas e bastante difíceis de serem reduzidas a um denominador comum. Esse movimento apresentou dois círculos literários característicos: o de Jena – como um movimento de livre reflexão filosófica com apelo à fantasia e orientação cosmopolita; e o de Heidelberg – como um movimento de tradição nacional e mitológica, pesquisa histórica e de forte orientação nacionalista. Nessas cidades, o movimento adquire dois traços ambivalentes: de um lado, o despertar da consciência nacional e, de outro, a retomada de valores tradicionais (Carpeaux, 1994).

Os contos de fadas tradicionais são histórias que fazem parte da cultura oral, cujos enredos se passam em um tempo e espaço indeterminados. No núcleo das ações, temos um herói ou heroína que, por sua iniciativa própria ou desígnio do destino, empreende uma trajetória difícil, permeada de provas, cuja superação leva ao sucesso final (Bettelheim, 2002). A presença do maravilhoso é característica fundamental dessas narrativas, que também é encontrada nos contos de fadas artísticos, nos quais o conto de Andersen em estudo está inserido. Nesse texto será feita, também, uma análise da duplicidade da personagem, numa reflexão sobre seus aspectos simbólicos e míticos lendários.

No conto de Andersen, a problemática de uma autêntica identidade do ser humano torna-se crucial e uma visão romântica do eu aparece ligada ao componente histórico e político de uma época de mudanças na sociedade. Nela, as hierarquias desfalecem e a autoridade da Igreja e do Estado é colocada em discussão. O idealismo filosófico serve de suporte para que surja a teoria do eu duplicado. Nessa teoria, o mundo físico é uma duplicata. Tudo não passa de aparência, a verdadeira realidade está noutro lugar. Aquilo que parece objetivo é, na verdade, subjetivo. O mundo é o produto do espírito

humano que dialoga consigo próprio. O século XIX representa, no romantismo, o dilaceramento vivido pelo eu, pois o sujeito do desejo entra em conflito com as exigências impostas pela sociedade. Isso faz surgir um antagonismo entre o eu do desejo e o eu social, surgindo um outro ser criado para enfrentar os problemas – o duplo – que é um oposto criado para ser o alter-ego, um ser diferente do real e que luta para se sobrepor ao ser original.

Logo no início do conto, o narrador faz um breve comentário sobre os países quentes, onde o sol queima a pele das pessoas, a ponto de lhes mudar a cor. Fala de certo Sábio que foi morar em um desses países, imaginando que poderia andar pelas ruas como fazia em sua terra de origem. Ele notou que durante o dia sua sombra encolhia por causa do calor intenso. Segundo Otto Rank (1939), os povos primitivos acreditavam que aqueles que possuíam uma sombra pequena ou apagada, adoeciam. Também as superstições relativas a uma sombra longa ou curta estavam relacionadas à saúde e ao vigor físico do indivíduo. Dessa forma, Andersen dá indícios de que o Sábio, devido à mudança de clima, estava fisicamente debilitado pelo calor. Tanto ele como as pessoas da cidade, quando escurecia, acendiam os candeeiros, e a vida voltava a vigorar entre eles.

Ao mencionar a casa vizinha, o autor cria uma atmosfera de mistério, mostrando que ela era diferente das outras, pois contrariava o que acontecia no cotidiano da cidade. Nela reinava um silêncio total, tanto durante o dia como a noite, mas as flores na sacada, viçosas e bem cuidadas, denotavam que alguém morava ali. No sentido mítico, o sol é o símbolo da realeza, do masculino e da luz da inteligência. No conto, um falso sol – simbolizado pelos candeeiros acesos à noite – pode estar relacionado ao despertar da inteligência e da ação do Sábio. É um princípio divino, um instrumento apto para despertar seu duplo mítico, capaz de agir e viver num mundo onde a Beleza, a Bondade e a Verdade constituem o complemento para se conseguir a riqueza e o poder.

Mesmo com toda sua sabedoria, o protagonista não foi capaz de desvendar o mistério da casa vizinha. O Sábio não buscou conhecer o que existia lá, e nem teve coragem de se aproximar, mas incentivou sua sombra, seu lado obscuro, a fazê-lo. A despeito de sua sabedoria – ou quem sabe por causa dela – ele vive solitário, estabelecendo contato com as pessoas apenas de forma indireta.

Numa manhã, o Sábio descobre-se sem sombra. Essa descoberta deixou-o apenas irritado. Não por estar sem ela, mas por orgulho, porque

ele não queria ser reconhecido como alguém que estivesse copiando uma outra história de sombra que já existia, a de *Pedro Schlemmihl, o homem que vendeu a sombra*, de Chamisso. É uma alusão irônica que pode ser entendida como uma homenagem que Andersen faz a Chamisso, uma vez que ele foi o primeiro escritor a escrever uma história sobre sombra. As narrativas de ambos são diferentes porque a personagem de Chamisso vende a sombra para ficar rica, mas é discriminada pela sociedade. Já na de Andersen ocorre o contrário, a sociedade não valoriza um homem com sombra que não tenha dinheiro. Isso pode ser observado quando muitos anos depois a sombra vai visitar o Sábio, vestida em roupas finas, ostentando grossa corrente de ouro. No encontro do homem com sua sombra, cria-se uma situação insólita, porque é o encontro do ser real com o seu duplo. Eles são diferentes, tanto na maneira de se comportar como na vestimenta e nos ornamentos. O Sábio não enfrenta sua Sombra, ao contrário, trata-a com naturalidade, deixando que o conflito entre ambos fique em suspenso, em decorrência de sua postura ética. Já a Sombra pensa em transformar o Sábio em sua sombra, assim ambos seriam uma única pessoa, um ser uno, completo. Ela estava convicta de que o dinheiro lhe possibilitava essa chance única de possuir uma sombra do quilate do Sábio. Para a Sombra, seu antigo amo, por não possuir habilidade para os negócios e nem conseguir relacionar-se pessoalmente com seus semelhantes, não merecia continuar com o *status* de homem.

Andersen trata o mal como algo externo ao ser humano, corporificado na figura da antagonista, a Sombra, que procura criar obstáculos à trajetória do Sábio. Começa a perseguição velada da Sombra ao Sábio, e também se inicia a transformação física dele em sombra, em decorrência do seu aniquilamento moral e financeiro. A Sombra convence-o a se tornar sua sombra e, na obstinação de ver sua identidade reconhecida socialmente como um homem, não pode permitir intimidades entre os dois. Tal ato, para a Sombra, significa rebaixamento, humilhação. A personalidade obscura do Sábio sobrepuja a original e começa o confronto entre os dois.

Eles chegam a uma estação de águas que tinha fama de curar tudo. A Sombra anseia ver crescer pêlos no rosto e formar uma barba, símbolo masculino da humanização. Lá conhecem uma princesa que busca a cura da sua doença, enxergar demais. A moça logo percebe o que falta à Sombra. Esta, por sua vez, convence-a de que está curada, e mostra a ela a “sua” sombra – o Sábio. A princesa fica encantada com a singularidade de um

homem que possuía uma sombra tão especial. Eles resolvem, então, se casar e combinam não comentar o fato até a chegada deles no reino da princesa. Ali, a Sombra pede ao Sábio para se tornar sua sombra e revela que vai se casar com a jovem. O Sábio ameaça contar à princesa a verdade, mas a Sombra age mais rápido, diz à moça que ele enlouqueceu porque agora estava pensando que era um homem. A Sombra prende o Sábio. A princesa manda matá-lo, embora soubesse que ele era humano, no mesmo dia em que se casa com a Sombra. Para que a princesa e a Sombra pudessem reinar tranquilamente numa nova era, foi estabelecido um confronto entre o Bem e o Mal personalizado entre o Sábio e a Sombra.

Esse conto, apesar da morte do Sábio no final, é considerado uma paródia com desenlace feliz, uma forma simbólica de o escritor contestar as formas de agir de uma sociedade, cujo único intuito era o lucro. Sonhar nessa sociedade talvez não fosse mais permitido, assim como o Sábio, o homem teria que sofrer algumas rupturas para conseguir seu objetivo. Nesse sentido, a morte do Sábio pode significar o começo de uma outra época que talvez saiba aliar os dois lados, aprendendo como atingir a unidade do eu, sem que, necessariamente, uma parte tenha que desaparecer.

#### O CONFRONTO ENTRE O BEM E O MAL: O SÁBIO E A SOMBRA

O confronto entre o bem e o mal pode ser estabelecido no universo escolar, porque este representa um mundo no qual o indivíduo está inserido e se preparando para enfrentar outros tipos de conflitos. Ao mesmo tempo em que a criança e o adulto se vêem diante de uma série de oportunidades, deparam-se com forte angústia relativa a pressões da sociedade. Suas escolhas deverão ser pautadas de acordo com o preestabelecido por ela. Esse indivíduo terá que se submeter às regras e ao processo de aprendizagem. Nesse instante surgem muitas questões inerentes ao desenvolvimento de crescimento interior mesmo em indivíduos diferentes e com diferentes processos, como as dificuldades para superar o narcisismo, os conflitos edípicos, as rivalidades fraternas, o egocentrismo, as perdas externalizadas que provocam intensa angústia e dificultam o desenvolvimento. Surgem, então, fortes reações emocionais que podem ser detectadas ou não e trabalhadas ou não pelos educadores por meio da literatura, na qual os contos de fadas estão inseridos. Nos contos podem ser encontradas representações de acontecimentos psíquicos, diferentes da realidade factual,

projetados em fantasias inconscientes e universais, que tratam da realização de desejos relacionados a angústias inerentes ao desenvolvimento pessoal do ser humano em formação.

Nos contos de fadas, o confronto entre o bem e o mal se diferencia de outros textos. As personagens, quando lidam com o mal, não usam a força bruta, mas sim a esperteza ou a astúcia. Os contos de fadas tradicionais e os modernos permitem que o leitor descubra, em suas estruturas, regras de comportamento de como lidar com o mal. Além disso, o capacita para entender que, muitas vezes, esse mal está relacionado com a forma de buscar caminhos para encontrar a sabedoria que talvez permita resolver um determinado problema, mesmo que seja extremamente perigoso. Franz (2002), numa leitura junguiana, afirma que o confronto entre o Sábio e a Sombra representa tudo o que o indivíduo nega em si e que está relacionado com sua vontade obscura. No entanto, esta se impõe a ele, manifestando-se através de impulsos incontroláveis. O leitor na escola, queira ou não, está vivendo um momento de transição, e a leitura do conto de fadas e a influência que este possa vir a exercer, pode representar uma espécie de válvula de escape que se abre para a vida emocional desse leitor. Já nos adultos, o impacto que resulta desses contos pode vir da influência que os mesmos tiveram sobre eles quando eram crianças.

Bettelheim (2002) afirma que os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento, lidando com problemas humanos universais, falando ao ego e encorajando seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes, transmitindo mensagens simbólicas que se manifestam de forma significativa, atingindo todos os níveis da personalidade humana. Ainda segundo Bettelheim (2002), o conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico nos leitores se não fosse primeiro, e antes de tudo, uma obra de arte. E como é um importante instrumento de trabalho, pode auxiliar o leitor, seja em que idade for, a lidar com a ansiedade em que está vivendo, a superar obstáculos, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade. Nesse sentido, Held (1980) escreve que o impacto que um conto de fadas pode provocar num leitor é mais intenso e durável se sua apresentação for realizada em um clima mais livre, pois sua compreensão seria emocional, ajudando esse leitor a entender-se a si próprio. Dessa forma, o conto tem em si uma função formativa na medida em que responde às principais questões desse leitor sobre

a vida, a morte, a sexualidade, o medo e outros. Nesse caso, a escola tem um papel fundamental no sentido de envolver o leitor/aluno com os contos de fadas, visto que eles auxiliam na sua formação.

Held (1980) argumenta ainda que existe uma série de preconceitos relativos ao uso dos contos maravilhosos em sala de aula. Segundo a autora, muitos adultos pensam que ler um conto de fadas significa fugir da realidade e não o vêem como um ponto de partida para o conhecimento do mundo real. Essa forma de pensar talvez esteja relacionada à própria concepção de infância, inserida num mundo adulto, capitalista, racional que enfatiza uma imagem idealizadora da criança. Sabemos, contudo, que a fantasia, ao invés de desorganizar, torna-se um elemento importante de organização simbólica para o preparo mental da criança.

Assim, os contos de fadas, com seus enredos cheios de elementos mágicos, oferecem vários estímulos para a imaginação infantil. Ademais, essas histórias, ao invés de iludirem, expõem os leitores a todas as dificuldades fundamentais do homem uma vez que abordam, implicitamente, assuntos que fazem parte da realidade interna das crianças.

Bettelheim (2002), diz que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo em torno de si. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita ao leitor a compreensão de certos valores básicos de conduta humana ou convívio social. Isso tudo é transmitido através de uma linguagem simbólica e, durante o período escolar, pode contribuir para a formação de uma consciência pautada na ética.

Os alunos necessitam de uma educação moral que de modo sutil e implícito os conduza às vantagens de se ter um bom comportamento, não através de conceitos éticos abstratos, mas naquilo que lhes parece correto e conseqüentemente significativo. Embora na história de Andersen, o mal esteja presente tanto quanto a virtude, quem sabe não é esta dualidade que coloca o problema moral e solicita a urgência da luta para resolvê-lo? Só que essa luta seria no campo da fantasia através do aprendizado de se buscar uma maneira de como lidar com essa sociedade tão voltada para o capitalismo e, por isso mesmo, tão dura. O mal não está isento de atrações e, em alguns casos, se encontra temporariamente vitorioso nos contos modernos como este de Andersen. No entanto, não é o fato de o malfeitor ser punido no final da história que faz com que os contos maravilhosos se tor-



nem uma experiência em educação moral. Neles, como na vida, a punição ou o medo dela é apenas um meio de intimidação ao crime. A convicção de que o crime não compensa é uma forma de intimidação muito mais efetiva, e esta é a razão pela qual, nos contos de fadas, a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para o leitor, que se identifica com ele em todas as suas lutas através da fantasia. Por isso acreditamos que os contos de fadas podem ser um incentivo à leitura e, conseqüentemente, podem ajudar na formação do leitor.

#### OS CONTOS DE FADAS: UM INCENTIVO À LEITURA E À FORMAÇÃO DO LEITOR

Bettelheim (2002) afirma que ao ouvir uma história, as crianças concentram-se, aprendem a respeitar-se e, acima de tudo, passam momentos de grande prazer porque elas podem ler e interagir com o texto. Desse modo, além de uma função emotiva, os contos de fadas também têm uma função formativa, pois auxiliam na construção do imaginário. Algumas vezes, no entanto, os adultos não vêem que os contos maravilhosos, como um empreendimento racional e uma típica realização do ego, só podem acontecer se a criança inicialmente, e por algum tempo depois, vivenciar a leitura como satisfação de sua fantasia. Pois a criança que gosta muito de ouvir histórias, que é estimulada e que vê satisfeitas suas fantasias, desejará também ler sozinha quando ninguém estiver por perto. Mas se não experimentou o prazer de terem lido para ela, dificilmente se sentirá estimulada a ler sozinha, buscando satisfazer sua curiosidade. Muitas vezes, sem essa experiência, duvidará que a leitura seja uma coisa que queira fazer.

Ainda para Bettelheim (2002), a habilidade da leitura fica destituída de valor significativo quando o que se aprendeu a ler não acrescentou nada de importante à vida do leitor. A leitura torna-se maçante, sem fantasias e sem prazer. No entanto, quando a criança é introduzida num mundo rico de simbolizações, as histórias podem auxiliar no seu processo de alfabetização. Ao ouvir uma história ou lê-la, ela aprende a imaginar o que as palavras evocam e, aos poucos, aprende a memorizar o seu enredo para poder recontá-lo aos coleguinhas ou mesmo em casa quando querem contar aos pais o que aprendeu na escola. Desta forma, os contos de fadas podem ser um importante instrumento de ensino, pois ao transmitir uma linguagem simbólica, possibilitam a inserção da criança no mundo letrado.

UM OLHAR SOBRE O ENCONTRO ENTRE EDUCADORAS,  
LEITORES E CONTOS DE FADAS

Nas pesquisas que resultaram neste artigo, optamos pela entrevista aberta proposta por Bleger (1980). Entrevistamos duas professoras das áreas de Letras e Pedagogia, ambas de escolas municipais, em turmas de 5<sup>as</sup> séries, uma do município de Goiânia e outra de Senador Canedo. Uma das professoras, na época da entrevista, ainda não havia concluído a formação superior.

As educadoras têm um tempo médio de cinco anos de magistério. Segundo elas, a utilização dos contos de fadas, em sala de aula é uma atividade freqüente. As escolhas das histórias quase sempre são realizadas em função de temas relacionados ao trabalho pedagógico, como atividades complementares. Raramente as escolhas são feitas pelos alunos. As histórias, muitas vezes, são apresentadas aos alunos por meio da leitura de livros ou, ainda, da utilização de fantoches ou de dramatização.

Ambas reclamaram de interferências e ruídos externos, durante a leitura, contudo, afirmaram que, ao ouvirem histórias, as crianças se envolvem e interagem com o texto lido. Além disso, ficam mais calmas, concentram-se, associando os enredos a situações do dia-a-dia. As professoras são unânimes ao destacar a importância da leitura das histórias no desenvolvimento de seus alunos. Segundo elas, tal atividade proporciona aos leitores mirins: o desenvolvimento da linguagem oral e escrita; a organização do pensamento; a ampliação do vocabulário; a afetividade, o relacionamento com os colegas; a imaginação e a concentração.

As duas entrevistadas receberam preparo, como contadoras de histórias, uma pela Secretaria da Educação do Município de Goiânia e a outra por uma instituição privada. Ambas, no entanto, afirmam não receber incentivos das escolas nas quais trabalham com relação à participação em palestras e cursos, relacionados ao ensino de leitura e literatura, oferecidos pelas instituições a que estão vinculadas. As escolas entendem que o coordenador pedagógico é quem deve participar dos cursos e repassar as informações nos encontros pedagógicos semanais ou mensais. Como as duas receberam estímulos para trabalhar com leitura e ambas tiveram contato com histórias em suas infâncias é possível que o entusiasmo venha daí, pois demonstraram segurança com o trabalho desenvolvido em sala.

Por isso foi solicitado que as professoras trabalhassem com o texto de Andersen em suas turmas. O texto não possui ilustração, mas não é extenso. Para que as professoras lessem o texto e preparassem as aulas, foi dado um prazo mínimo de uma semana. Verificamos que elas procuraram dar ênfase à provocação do imaginário dos alunos, pedindo que eles expusessem como imaginavam as personagens ou algumas situações dessa ou daquela cena.

Não observamos diferenças notáveis entre os procedimentos de leitura de ambas. Mas ficou claro o parco recurso para trabalhar as histórias em sala de aula, o que é feito em sua maior parte com auxílio de livros com pouco ou quase nenhuma ilustração, como no caso do conto de Anderson, objeto de análise dessa pesquisa. Com relação às informações obtidas, convém alertar para o fato de que as experiências dessas professoras com a prática da leitura dos contos de fadas em sala de aula, podem não corresponder a uma prática pedagógica homogênea, pois podem não ser uma situação universal real do trabalho educativo nos municípios citados na pesquisa.

#### CONCLUSÕES

Nos tempos modernos vê-se com frequência a volta do “maravilhoso” em novas histórias presentes no dia a dia das escolas, oferecendo inúmeras possibilidades de se construir uma ponte entre o mundo inconsciente e a realidade externa, uma vez que há uma história, uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente, sendo reconstruída e internalizada pelo leitor em formação. As histórias ajudam na formação e organização do pensamento do ser humano, estimulam a leitura que se pode dar a partir do contato com histórias ouvidas desde a mais tenra idade, quando a criança encontra nessas histórias uma forma de interagir com o mundo de aventuras fantásticas e viver um outro mundo, encontrando prazer e associando-o às histórias lidas. Há, dessa forma, um incentivo real para a aprendizagem da leitura, pois, se a criança pôde experimentar o prazer por terem lido histórias quando pequena, cedo descobrirá o valor da leitura. Isso pode não ocorrer com um grande número de crianças de escolas, públicas ou não, onde as histórias não têm a importância que deveriam ter, e o ensino convencional é colocado em primeiro lugar.

O momento de ouvir histórias lidas, ou não, pode ser extremamente prazeroso tanto para crianças como adultos, pois, ao partirem juntos nessa viagem fantástica pelo mundo da imaginação, tornam-se mais próximos do mundo real, fortalecendo os vínculos de suas relações interpessoais no seu meio, e ambos poderão se sentir mais fortalecidos e reconfortados com os finais felizes, criando uma atitude positiva diante da vida, uma vez que acabam aprendendo a lidar com os infortúnios através dos contos de fadas. E os educadores, quando estabelecem esses momentos lúdicos, colocam-se como mediadores no processo de identificação, tornando-se co-responsáveis pelo fortalecimento psicossocial da criança, uma vez que o ambiente escolar não se restringe a um lugar só de transmissão de conhecimentos científicos.

#### REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, H. C. A sombra. In: LONDON, J. et al. *O outro: três contos de sombra*. Rio de Janeiro: Dantes, 2002. (Col. 3 contos).
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BLEGER, J. *Temas de psicologia, entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- CARPEAUX, O. M. *A literatura alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FRANZ, M.-L. Von. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- HELD, J. *O imaginário no poder, as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- RANK, Otto. *O duplo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

Recebido em: 1 mar. 2007

Aceito em: 17 maio 2007